

EDUCAR PARA O AMOR, MAS COMO? AS CONTRIBUIÇÕES DE C. S. LEWIS E JOSEF PIEPER

Thiago de Almeida¹

Resumo:

O tema do amor é uma das áreas mais importantes (e geralmente problemáticas) da vida das pessoas. Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação da personalidade, dado que é capaz de aproximar a pessoa de sua essência e propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras coisas. Inúmeros, atualmente, são os desafios a serem enfrentados no contexto atual da ação educativa. Um destes é uma educação emocional voltada para crianças, adolescentes e adultos. Entretanto, como falar de uma educação para o amor, se a própria palavra “amor”, banalizada, já quase não significa mais nada? Precisamente para esse resgate da palavra (conceito / acesso à realidade do) amor é que se empreendeu este exercício filosófico: registrar e analisar um par de contribuições de C. S. Lewis e de Josef Pieper em seus livros tematicamente dedicados ao amor. Acredita-se assim, que o estudo do tema através dessa perspectiva filosófica pode ser uma contribuição relevante para a educação, pois somente ao compreendermos mais adequadamente a realidade do amor, poderemos propor uma educação para o amor.

Palavras-chave: Amor; educação; Filosofia; Filosofia da Linguagem; Filosofia da educação.

Abstract:

The love is one of the most important (and generally problematic) subject of the life of the people. It actively participated and participates of the evolution and constitution of the personality, given that he is capable to approach the person of its essence and to propitiate the development of social relations, amongst other things. Innumerable, currently, they are the challenges to be faced in the current context of the educative action. One of these is an emotional education directed toward children, adolescents and adults. However, as to speak of an education for the love, if the proper word “love”, vulgarized, already almost does not mean nothing more? Necessarily for this rescue of the word (access to concept/ to the reality of) love is that this philosophical exercise was undertaken: to register and to analyze a pair of contributions of C.S. Lewis and Josef Pieper in its thematically dedicated books to the love. The reality of the love is given credit thus, that the study of the subject through this philosophical perspective it can be an excellent contribution for the education, therefore only when understanding more adequately, will be able to consider an education for the love.

Key-words: Love; Education; Philosophy; Language’s Philosophy; Education’s Philosophy.

¹ Mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Site: www.thiagodealmeida.com.br. E-mail de contato com o autor: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br.

“Nos tempos em que a vida na terra era plena, ninguém dava atenção especial aos homens notáveis, nem distinguiam o homem de habilidade. Os governantes eram apenas os ramos mais altos das árvores e o povo com cervos na floresta. Eram honestos e justos sem se darem conta que estavam ‘cumprindo seu dever’. Amavam-se uns aos outros, mas não sabiam o significado de amar ‘o próximo’. A ninguém iludiam, mas nenhum deles se julgava um ‘homem de confiança’. Eram fidedignos, mas desconheciam que isso fosse ‘boa fé’. Viviam juntos em liberdade, dando e recebendo, mas não sabiam que eram generosos. Por esse motivo, seus feitos não foram narrados. Eles não deixaram história.”(Chuang Tzu, *Chuang Tzu - Escritos Básicos*).

A importância do estudo do amor.

O amor e os relacionamentos amorosos são assuntos muito presentes em nossas vidas, e constituem temas centrais de diversas manifestações artístico-culturais, tais como músicas, filmes, poemas e romances, dentre outros. Apesar disso, o amor é algo que permite o levantamento de inúmeras questões a seu respeito, a começar pela sua própria definição. A despeito desses questionamentos, em nosso cotidiano, quase que freneticamente, procura-se cada vez mais o amor. Na verdade, sua vivência e sua busca tendem a perdurar indeterminadamente, não se restringindo a uma fase ou século (Almeida, 2008). Logo, a temática do amor é uma das áreas mais importantes (e geralmente problemáticas) da vida das pessoas. Infelizmente, tal importância é mais bem percebida quando as coisas não vão bem. Quando isso acontece, tanto o nosso humor, como a nossa capacidade de concentração, a nossa energia, o nosso trabalho e a nossa saúde, dentre outras dimensões das nossas vidas, podem ser profundamente afetados (Amélio, 2001; Almeida & Madeira, 2008). A maioria das pessoas utiliza o termo “amor” para descrever seus sentimentos em relação a uma pessoa por quem é mais fortemente atraída ou a quem se vê mais apegada. E assim, listas intermináveis foram elaboradas com todos os tipos de constituintes que esse sentimento poderia conter em

si. Conseqüentemente; palavra que pelo mau uso, abuso e banalização esvaziou-se de seu grandioso significado originário.

Embora haja essa tendência de se promover o amor, ao que parece, ele ainda não passa de uma vivência desconhecida. Dele se ignoram as fontes, os fundamentos, as raízes, a autoria e até o tempo de aparecimento. Ignora-se que ele não nasceu conosco e cogita-se sobre a hipótese de se somos, de fato, seus inventores (Almeida, 2004). Como podemos perceber, escrever ou falar de amor é uma façanha árdua. Corre-se o risco de cair na banalidade, na ambigüidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo, de maneira que os literatos, pregadores, ou mesmo os cantores não são mais convincentes (Almeida, 2003).

Para Solomon (1992), o amor é um processo emocional que deriva de um conjunto de idéias que são influenciadas pela sociedade e pelo contexto histórico-social nos quais se insere. Essa, também, é uma boa explicação para mostrar o porquê de haver tanta confusão e tantos entendimentos diversos, quando se discorre sobre tal tema. Há, então, que se ter em mente que o amor, aprioristicamente, é uma crença emocional. E como toda e qualquer crença “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum de seus constituintes afetivos é fixo por natureza” (Costa, 1999, p. 12). E como poderia haver uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor, levando-se em consideração a pluralidade de idiosincrasias (muitas delas provavelmente contaminadas pelo etnocentrismo), que tentam estabelecer uma soberania na definição do que viria ou não a ser concebido como amor? Paradoxalmente, consolidamos em nosso cotidiano alguns pensamentos contraditórios, como o de Costa, em referência aos relacionamentos amorosos: “Quando é bom não dura e quando dura já não entusiasma” (Costa, 1998, p. 11).

Segundo Amélio (2001) “amor é um termo utilizado para nomear um grupo de sentimentos, ações e padrões de pensamentos que, embora relacionados, são bastante diversificados” (p. 23). Adicionalmente, Almeida e Mayor (2006) concebem o amor como um aspecto inerente ao ser humano, que tende a se perdurar e possui inúmeras formas válidas de manifestação. Dito isso, poder-se-á partir para analisar o amor de várias formas, pois, talvez, para cada ser humano exista um amor diferente (Almeida, 2003). E todos eles são viáveis, efetivos e têm o seu valor. Deve-se ainda acrescentar que cada pessoa experimenta o amor à sua maneira, pois ele é uma experiência que cada um vivencia de modo diferente e novo (Beck e Miller, 1969).

De acordo com Braz (2006), o amor é a condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa. Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação da personalidade, dado que é capaz de aproximar a pessoa de sua essência e propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras coisas. Inúmeros, atualmente, são os desafios a serem enfrentados no contexto atual da ação educativa. Um destes é uma educação emocional voltada para crianças, adolescentes e adultos. Entretanto, como falar de uma educação para o amor, se a própria palavra “amor”, banalizada, já quase não significa mais nada?

Assim, tomamos dois exemplos, um em cada autor²: a fecunda distinção entre *pleasures of appreciation/need pleasures* (Lewis) e a não menos fecunda análise da “confusão” da palavra *Liebe* na língua alemã (Pieper). E, assim, indicar como podemos aprofundar na compreensão

² Os autores estudados neste ensaio são dois grandes pensadores cristãos do século XX – um deles católico e o outro evangélico – ambos grandes intérpretes contemporâneos da filosofia clássica e da filosofia cristã.

do tema “amor” a partir dessas discussões. Precisamente para esse resgate da palavra (conceito /acesso à realidade do) amor é que se empreendeu este exercício filosófico: registrar e analisar um par de contribuições de C. S. Lewis e de Josef Pieper em seus livros tematicamente dedicados ao amor. Dessa forma, acredita-se que o estudo do tema através dessa perspectiva filosófica pode ser uma contribuição relevante para a educação, pois só compreendendo a realidade do amor, poderemos propor uma educação para o amor.

A análise do amor na obra On Love³ de Josef Pieper⁴

O próprio Pieper fez um resumo de seu tratado sobre o amor na conferência “Crer, Esperar, Amar⁵”, que utilizaremos neste tópico, juntamente com o livro *On Love*. Sempre atento à linguagem, Pieper nota que as palavras mais centrais e importantes utilizadas na comunicação do cotidiano de uma língua viva tendem a sofrer, concomitantemente, esvaziamento e perversões, muitas vezes transformando palavras que significam uma virtude, por exemplo, no seu extremo oposto:

É necessário estarmos atentos para o fato de que, no campo da linguagem, ocorre um contínuo desgaste das palavras. Precisamente as grandes palavras, que designam – ou deveriam designar – algum aspecto grandioso da realidade humana, estão expostas a esse desgaste. Até que chega um momento em que simplesmente já não suportamos mais ouvi-las porque começam a causar-nos irritação. Quem, por exemplo, ao folhear uma revista ilustrada no barbeiro, já não sentiu o desejo irresistível de nunca mais pronunciar a grande palavra “amor”? Mas, não se pode simplesmente calar e deixar de lado essas palavras fundamentais, como também não se pode substituí-las por outras. É verdade que este constrangimento, pelo qual talvez nos sentíssemos tentados a não abordar o tema “amor”, situa-se no âmbito dos gostos e das impressões. E quando, apesar de tudo, nos decidimos a falar sobre o amor – esta palavra, “amor”, tantas vezes mal conceituada e de tantas formas deturpada –, percebemos então a imensa dificuldade inerente a esse assunto, a dificuldade que reside na incomensurabilidade simplesmente arbatadora do próprio objeto.⁶

Precisamente, no começo de seu livro, Pieper considera outro importante fato da linguagem: que, em alemão, *amor* (*Liebe*) é uma palavra que engloba uma vasta gama de significados. Então, quando se discorre a respeito do amor, referimo-nos a algo com uma

³ Pieper, Josef *On Love* em *Faith, Hope, Love*, Ignatius Press, San Francisco, 1997

⁴ Josef Pieper nasceu em Elte (Westfalia), em 1904 e morreu em Münster, em 1997. É hoje o filósofo mais lido pelo grande público da Alemanha. Coursou Filosofia, Sociologia e Direito nas Universidades de Berlim e Münster e doutorou-se em Filosofia também pela Universidade de Münster, na qual lecionou por toda sua vida. Foi o grande intérprete de S. Tomás de Aquino no século XX.

⁵ Pieper, Josef “Crer, Esperar, Amar” <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

⁶ Pieper, Josef “Crer, Esperar, Amar” <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

extensa pluralidade de significados e significações, entretanto, todas essas sendo expressas por esta mesma palavra que seria seu denominador comum, ou seja, “amor”. Se, entretanto, existe apenas um termo para nomear esta grande variedade de sentimentos e fenômenos bastante relacionados ao qual denominamos por “amor”, eles devem todos ter algo em comum entre si. E é por meio desta “confusão” de significados englobados em uma mesma palavra que Pieper procura analisar o amor e descobrir a essência de seu significado, pois acredita que “presumivelmente, então, pode haver uma mensagem escondida na aparente ou suposta ‘pobreza’ do vocabulário alemão do amor” (p. 147). E na conferência, esclarece:

Precisamente a língua alemã – pelo menos esta é a impressão que se tem à primeira vista –, parece acentuar infinitamente essa dificuldade. Os gregos, os romanos e mesmo as línguas modernas derivadas do latim dispõem de um grande número de substantivos para designar as múltiplas facetas do fenômeno amor, ao passo que a nossa própria língua alemã é carente: vê-se obrigada a designar realidades diversas pela palavra *Liebe*. Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho (“eu amo o Borgonha”); como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando dificuldades; a atração mútua entre homem e mulher; ou ainda, a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*⁷

A respeito desse caráter que confunde da língua alemã, no caso, e seu potencial heurístico é que versa a parte final e mais importante deste artigo. Como contraste em relação à “pobreza” da língua alemã, Pieper não deixa de citar a riqueza dos vários termos para amor nas línguas grega e latina (e nas línguas modernas, derivadas do latim).

No Latim, ele fala sobre o amor misericordioso em *pietas*; o amor que se aplica à ação em *studio*; o caráter “passivo” do amor na *afeição*; o caráter eletivo do amor em *dilectio*; o caro preço em que se estima o amado em *caritas*; e a própria palavra *amor*, como termo geral. Similarmente, no grego, Pieper mostra as distinções entre *eros*, *philia*, *agape*, etc. Ao analisar brevemente as línguas modernas, Pieper se depara, no inglês, com as distinções e semelhanças entre “amar” e “gostar” (“to love” e “to like”), e se questiona quanto à semelhança entre *likeness* e *to like*: a sugestiva coincidência entre gostar e parecer-se.

Através do *to like*, Pieper chega ao *to be fond of*, e descobre que em sua raiz, está *fanned*, que significava encantado, ou enfeitado por algo ou alguém. Ao analisarmos a língua russa, Pieper descobre um termo específico para “amar com os olhos” – *lubovatsia* – e um para o amor de Deus para com os homens: *blágot*. Logo no início do capítulo II, Pieper parece convencido de que não pode haver um traço comum entre tantos tipos de “amores” diferentes, mas lembra-se de que o fato de que todos eles recebem o mesmo nome em alemão deve indicar uma relação. E a relação entre todos estes “amores” é certo tipo de aprovação: Pieper conclui que o amor, em sua forma básica é a aprovação da existência de algo ou alguém. É a notável conclusão: amar é dizer “é bom que você exista!”.

⁷ Pieper, Josef “Crer, Esperar, Amar” <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

Além do mais, esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de, apesar de tudo, não perder de vista aquilo que há de comum, de coincidente, entre todas as formas de amor. E qual poderia ser este elo de ligação comum? Em outras palavras: o que há de comum entre os amores, o que significa *em geral* "amar": amar o vinho, a música, o amigo, a pessoa amada ou o próprio Deus? Estou convencido de que há, de fato, uma resposta para esta questão. E a resposta é a seguinte: amar, em qualquer caso, denota *aprovação*. Amar algo ou amar alguém sempre significa afirmar: "Que bom que isto existe!", "Que bom, que maravilha que você está no mundo!".⁸

Contudo, Pieper salienta que é uma aprovação que nasce da vontade, como que um "eu *quero* que você exista". Ao falar da vontade, Pieper distingue dois tipos: a vontade na qual pensamos primariamente, a vontade por algo que não se tem, a vontade de conquistar algo; e a vontade dirigida a algo que já aí está, no sentido de aprovação. Para Pieper, este segundo tipo de vontade, este segundo tipo de querer, é que é o amor fundamental. Pieper observa que esta relação entre o amor e a vontade não aparece apenas na literatura mais ou menos especializada, mas também na fala comum, como nos versos de *Jerome*, que diz o que será traduzido como "Deus *quer* ao homem", ou "Deus me libertou porque me *quis*", correspondentemente ao que em português queremos dizer quando falamos que "queremos bem" a alguém.

No entanto, se a aprovação é realmente o que há de comum a todas as formas de amor, se é o impulso fundamental de todo o amor, então é necessário, naturalmente, que essa aprovação não possa considerar-se mero fenômeno verbal. "Que bom que isto existe!". "Que bom, que maravilha, que você está no mundo!": estas, obviamente, não são afirmações neutras e inócuas. Não, não se trata de modo algum de meras declarações verbais; elas têm um sentido de expressão de uma vontade. A aprovação que se realiza no amor significa: estou de acordo, comprometo-me, aprovo e reafirmo, envolvo-me, reconheço e assumo, endosso através do meu aplauso; louvo, exalto e glorifico o fato de determinada coisa ou determinado alguém, precisamente a pessoa amada, existir. Naturalmente, aprovar representa um grau muito menos intenso de afirmação do que exaltar e glorificar. No entanto, os itens da enumeração acima têm algo em comum: trata-se, em todos os casos, de formas de estar de acordo, de uma sintonia da vontade. O que todas dizem é: eu *quero* que este algo ou que este alguém exista. Amor é um tipo de querer, uma forma de vontade. O fato de nós, ao ouvirmos essa caracterização do amor, inicialmente ficarmos com uma certa reserva, guarda relação com o esvaziamento e empobrecimento de nossa concepção de

⁸ Pieper, Josef "Crer, Esperar, Amar" <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

vontade, um empobrecimento ao qual já acabamos por acostumar-nos. *Querer*, no sentido que damos à palavra hoje, é essencialmente e acima de tudo: *querer-fazer!* Para a grande tradição do pensamento europeu, porém, era óbvio que a *afirmação* é que é o ato fundamental da vontade, e, portanto, do amor. E este ato fundamental se caracteriza precisamente não por buscar a alteração do que aí está, mas pelo endosso e *afirmação* daquilo que já é.⁹

A partir disto, Pieper chega a uma questão de suma importância: se o amor como a mais fundamental das forças da vontade é o princípio de toda existência, então que vontade é essa, o que é que queremos de fato, quando dizemos a algo ou alguém que “é bom que você exista”? Conseqüentemente, Pieper procura respostas para esta pergunta em autores renomados e grandes pensadores, como Tomás de Aquino, Alexander Pfänder, Ortega y Gasset, Vladimir Soloviev e Gabriel Marcel, e se surpreende que todos eles tenham chegado mais ou menos à mesma conclusão: que o que o amor *quer* quando ama é que a outra pessoa exista, ou continue existindo; mais ainda: que ela nunca morra. Para Pieper, acreditar que o amor verdadeiro seja incompatível com a inevitabilidade da morte, ou que ele até mesmo a exclua, é chegar muito perto da loucura. Entretanto, ao se deparar com a possível loucura que estas afirmações possam parecer, Pieper se lembra da engenhosa frase de Nietzsche que diz que “sempre há loucura no amor”, mas que em toda loucura também sempre há certo sentido.

Partindo daí, acredita-se então que é possível haver um certo sentido nas afirmações dos autores anteriormente citados quando falam da negação da morte presente no amor, então se pode chegar também a dois aspectos que se deve considerar: primeiro, quando se diz “que bom que você exista”, não se quer dizer “que bom que você seja *assim* ou *assado*” (inteligente, bonito, esperto, etc.), mas simplesmente “que bom que você seja”, “que maravilha que você exista!” (p. 170). E segundo: a mais extrema forma de afirmação ou amor que pode ser concebida é a *creatio* – o próprio ato de fazer existir no estrito sentido da palavra (p. 170). Porém, esta semelhança ao ato da criação que existe no amor dos seres humanos não pode ser confundida com o fundamental ato da criação em si, ou com a crença num real poder criador concedido aos seres humanos. A única e verdadeira Criação foi realizada por Deus, quando ao formar os seres humanos antecipou neles o amor e disse: “eu quero que vocês sejam; é bom, ‘muito bom’ (Gn 1:31), que vocês existam”. (p. 171). A partir desta perspectiva, o amor humano nada mais é do que um eco da primeira afirmação divina e criativa de todas as coisas. E, mais do que isso ainda, Pieper encerra seu segundo capítulo: o amor humano é uma continuação e um aperfeiçoamento do que se iniciou na criação.

Ao iniciar o terceiro capítulo, Pieper se pergunta: mas se a pessoa amada já existe, de que adianta afirmar sua existência e achá-la maravilhosa? Será que isso tem algo a acrescentar, de fato, àquela pessoa? Em outras palavras: qual é, afinal, a função do amor?

A fim de responder à questão, Pieper lembra-se – paradoxalmente – de Sartre, para quem a base da alegria do amor é sentir que nossa existência é justificada. Mais do que existir simplesmente, o que faríamos de qualquer maneira, o que os seres humanos precisam é se sentir amados por alguém. Antes de formular uma resposta, Pieper esclarece que está procurando pelo sentido do amor especificamente para a pessoa amada neste caso, e não para quem ama. Apesar de esta conclusão causar um certo espanto em Pieper, ele reconhece que as

⁹ Pieper, Josef “Crer, Esperar, Amar” <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

experiências palpáveis do cotidiano apenas a confirmam, como por exemplo, quando se diz que uma pessoa “floresce” ou “se torna quem ela é pela primeira vez na vida” quando está passando pela experiência de ser amada.

O que se afirma é algo assim: no amor afiança-se, confere-se diretamente ao ser amado o seu existir. Mesmo Jean-Paul Sartre que, em sua teoria filosófica, defende a afirmação de que cada ser humano é inimigo do outro e mesmo o seu verdugo em potencial, mesmo Sartre, que felizmente também é um poeta e sabe descrever a realidade humana concreta de forma genial, mesmo Sartre responde à nossa pergunta afirmando que isto é o núcleo, *le fonds*, da alegria de ser amado: é então que nos sentimos justificados por existir. E, em Gabriel Marcel, encontramos esta grandiosa afirmação: "Amar uma pessoa é dizer-lhe: 'Você não morrerá jamais'".

Por mais que se possa considerar euforicamente exageradas essas formulações e que tenham ultrapassado os limites impostos à finitude do ser humano, um aspecto da realidade, porém, é posto em foco e manifesta-se ao olhar; a saber, que de fato a máxima forma de afirmação que se possa conceber é a *creatio*, a criação em sentido estrito.

Na formulação de um filósofo alemão, a criação é o grau máximo da afirmação, do dizer-sim. É precisamente isto também o que se impõe como evidente, para além do âmbito das argumentações e das demonstrações, para quem realmente está amando. Este *sabe* que o seu ato de afirmação dirigido ao outro, ao ser amado, cairia simplesmente no vazio, se não estivesse em jogo algo como a criação, e isto não apenas como dado já pré-estabelecido ao próprio ser amado, mas como uma realidade que ainda está em processo de desenvolvimento e do qual ele mesmo, o que ama, participa precisamente pelo próprio ato de amar.

Naturalmente, também esta intuição cairia no absurdo e na ficção se pretendesse atribuir ao homem uma força criadora em sentido estrito e literal. Mesmo porque *já* houve um outro alguém, um Alguém absoluto, que antes mesmo que se pudesse falar em amor humano ou coisa assim, já disse: "Eu quero que você seja. É bom, é muito bom que você exista!". Daí que todo o amor humano não seja mais do que uma constante reconstituição, uma espécie de repetição, do amor criador de Deus. Uma reprodução que, se tudo corre bem, é ao mesmo tempo um prolongamento e uma consumação daquilo que começou com a Criação.¹⁰

Outro exemplo também citado por Pieper é o famoso experimento do Dr. René Spitz, que revelou que crianças criadas por suas mães na cadeia, em péssimas condições de higiene e conforto, estavam muito melhores do que outras crianças criadas sem suas mães, mas em ambientes perfeitamente limpos e confortáveis, recebendo do melhor alimento e do tratamento de enfermeiras muito bem treinadas. É que ao ser humano não basta a “infra-estrutura” (estar bem alimentado, agasalhado etc.); é *necessário* também ser amado. Utilizando-se

¹⁰ Pieper, Josef “Crer, Esperar, Amar” <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>

de uma metáfora bíblica encontrada nos trabalhos do psicólogo Erich Fromm, Pieper reconhece que as crianças criadas nos ambientes esterilizados e tratadas pelas enfermeiras especializadas recebiam, de fato, todo o *leite* de que precisavam. Mas lhes faltava o *mel* (de acordo com Êxodo 3:8, Deus promete ao seu povo “uma terra onde manam leite e mel”). Para Fromm (2000), o leite representa todas as necessidades fisiológicas de uma pessoa, enquanto o mel simboliza a doçura da vida e a alegria da existência. Isto claramente mostra que para os seres humanos não basta apenas o leite; também necessitamos do mel – o amor. E aqui, o que fora dito anteriormente a respeito do amor como uma necessária continuação e um aperfeiçoamento da existência, ganha sentido:

No amor humano o ato criativo da Divindade em estabelecer a existência é continuado – para que alguém que esteja conscientemente experimentando o amor possa dizer, “Eu preciso de você para ser eu mesmo... Ao me amar você me dá a mim mesmo, *you me make me*” (p. 176).

Colocado de outra maneira, “O que ser amado faz com que o ser faça é precisamente: ser.” (p. 176).

Descrição sumariada do livro *The Four Loves*¹¹ de C. S. Lewis

Lewis¹² pensou que a partir da afirmação e da verdade bíblica pressuposta de que “Deus é amor”, anteriormente declarada na Bíblia por S. João, poderia desenvolver todo o seu trabalho a respeito do amor. Assim, o amor humano seria definido como digno de ser chamado amor apenas na medida em que se assemelhasse ao amor divino, ou seja, ao amor que é o próprio Deus. A partir daí ele identificou duas categorias distintas de amor. O *gift-love* (do inglês – *gift*: presente, oferta, dádiva; *love*: amor), o que poderia ser traduzido como um *amor doador*, e o *need-love* (*need*: necessidade), o que poderia ser traduzido como *amor da necessidade*.

Inicialmente, C. S. Lewis estava disposto a fundamentar todo o seu tratado a respeito do amor elogiando o *gift-love* e depreciando o *need-love*, e afirma que ainda concorda com muito do que iria dizer, entretanto, acredita que não chamar o amor da necessidade de amor é fazer violência à língua, já que afinal de contas, o *need-love* ainda é chamado de amor. Neste aspecto, Lewis acha que “É melhor não seguirmos Humpty Dumpty em fazer com que as palavras signifiquem o que quer que achamos melhor” (p. 8).

Lewis também acredita que não se pode considerar o *need-love* como puro egoísmo, uma vez que todos os seres humanos precisam uns dos outros, e também porque ele é o primeiro amor que podemos sentir por Deus. Aqui, Lewis se depara com um paradoxo: estamos mais

¹¹ Lewis, C. S. *The four loves*. Great Britain: Fount Paperbacks, 1978.

¹² C. S. Lewis nasceu em 1898 na Irlanda e morreu em 1963, em Oxford, foi professor de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. É hoje um dos autores mais lidos no meio evangélico, também autor das famosas *Crônicas de Nárnia*, entre elas *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que foi recentemente lançada em forma de filme pelos estúdios de Walt Disney, com enorme sucesso.

perto de Deus quando estamos mais “longe” dele. Em outras palavras: estamos mais próximos de Deus quando estamos mais longe dele no sentido de semelhança – quando somos menos parecidos com Ele. Lewis distingue estar próximo no sentido de semelhança de estar próximo no sentido de distância física. Os seres humanos já são próximos de Deus em semelhança, pois Ele fez cada criatura sua refletir um pouco de sua glória. Nem por isso quer dizer automaticamente que estejamos também próximos de Deus em distância. A proximidade em semelhança é algo que nos é dado por natureza, a proximidade em distância “iniciada e suportada pela Graça, é algo que devemos fazer” (p. 11).

Lewis diz que nossa imitação de Deus nesta vida não deve ser do Pai que está nos Céus, todo-poderoso, onisciente e onipresente, mas do Cristo encarnado, não apenas o do Calvário, mas o da pobreza, das privações, das multidões e das interrupções, pois Ele é “a vida Divina operando debaixo de condições humanas” (p. 11). Lewis explica que fez estas distinções a fim de prevenir que se confunda “Deus é amor” com “o amor é um deus”. Para Lewis, um amor que se deixa tornar um deus se torna também um demônio; e então acaba deixando de ser amor para se tornar uma forma de ódio. Mas o tipo de amor que corre o risco de ser idolatrado não é o *need-love*. É o *gift-love*, justamente por ser o mais próximo de Deus em semelhança; o que – afirma-se mais uma vez – não garante nem um pouco uma proximidade real. Esta deve ser trabalhada por nós.

Em seu segundo capítulo, intitulado *Likings and Loves for the Sub-human (Gostos e Amores pelo Sub-humano)*, Lewis discute o amor e o gostar humanos por coisas não humanas, uma vez que acredita haver uma continuidade entre eles e os nossos amores pelas pessoas. Chegamos ao ponto sobre o qual, ao final deste trabalho, deteremos nossa atenção para a linguagem como método filosófico: se a intuição de Pieper versa sobre o pensamento confundente e a linguagem confundente, a de Lewis se volta para o pensamento que distingue, a linguagem que distingue. Trata-se da distinção entre *Need-pleasures* e *Pleasures of Appreciation*.

Como um nível mais baixo do amor é o gostar, e gostar significa ter um tipo de prazer em algo, Lewis decide começar com o prazer. E distingue entre dois tipos de prazer: *need-pleasures* e os *pleasures of appreciation*. Semelhantemente ao *need-love*, o *need-pleasure* também parte sempre de uma necessidade; uma necessidade que pressupõe uma preparação: é um prazer que só é prazer porque antes ocorreu algo que o requer como a necessidade de beber água depois de horas ao sol, por exemplo: é justamente o prazer que se sente em saciar a necessidade. Entretanto, o *pleasure of appreciation* é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo por si mesmo independentemente de preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto: como a entrega à contemplação de um belo quadro.

Lewis observa que em alguns casos, o *pleasure of appreciation* pode decair em *need-pleasure*, como no caso do prazer em apreciar um bom vinho, que pode se tornar um alcoolismo a partir do momento em que a bebida se torna uma necessidade e nem sequer é “apreciada”. Para Lewis, parece bastante óbvio como os *need-pleasures* prenunciam o *need-love*, e através desta comparação pode-se descobrir como, da mesma forma que o *need-pleasure* termina com a necessidade, pode também ocorrer o mesmo com o *need-love* se ele não for alimentado. No caso do amor por Deus, Lewis lembra que a nossa necessidade dele nunca termina – embora nossa percepção dela possa, levando junto também o amor. No entanto, para Lewis não fica tão clara a relação entre *pleasure of appreciation* e o *gift-love*. Por isso, ele sente a necessidade de distinguir ainda outro tipo de amor: o *appreciative-love*, ou amor apreciativo:

O *Need-love* clama a Deus da nossa pobreza; o *Gift-love* anseia em servir, ou mesmo sofrer, por Deus; o *Appreciative love* diz: “Damos graças a Ti por tua imensa glória”. O *Need-love* diz de uma mulher “eu não posso viver sem ela”; o *Gift-love* anseia em dar a ela felicidade, conforto, proteção – se possível, prosperidade; o *Appreciative love* contempla, e prende a respiração, e fica em silêncio, se regozija que tal maravilha deva existir mesmo que não para ele, não ficará inteiramente desanimado em perdê-la, prefere tê-la assim do que nunca tê-la visto de maneira alguma (p. 21).

Outro capítulo trata especificamente do tipo de amor caracterizado como “Afeição”, que é para Lewis o mais difundido e humilde de todos os amores. É também o que os gregos chamavam de *storge*, o que originalmente se destinava ao amor de pais para com seus filhos. A Afeição pode ser sentida por qualquer pessoa, e qualquer pessoa também pode ser objeto dela. Lewis a chamou de “o menos discriminador dos amores” (p. 34). Entretanto, a Afeição possui seu critério de escolha: seu objeto deve ser algo familiar. Ela não tem nada do amor apreciativo em si, é o mais modesto dos amores, no qual ninguém se orgulha nem de senti-lo, e nem de ser objeto dele.

Freqüentemente, a Afeição vem acompanhada de outros amores, como o amor erótico e a Amizade, completando-os e unindo mais as pessoas. A Afeição pode ainda fazer surgir sentimentos de amor apreciativo onde eles não existiam antes. É quando se começa a ver algo naquela pessoa que sempre esteve presente, mas que nunca tínhamos reparado antes, e passamos a admitir que ela se trata, afinal, de uma ótima pessoa, a seu próprio modo. Esse “a seu próprio modo”, para Lewis, é libertador, pois “nos leva além de nossas próprias idiosincrasias, nos fazendo aprender a apreciar a bondade e a inteligência em si mesmas, e não apenas a que for temperada e servida para agradar ao nosso próprio paladar” (p. 37).

Olhando para tudo o que foi colocado até aqui, pode-se até pensar que a Afeição se trata exatamente do amor supremo, daquele próprio amor que é Deus em si. Entretanto Lewis nos adverte que uma coisa não tem nada que ver com a outra. Em seguida ele descreverá algumas perversões da Afeição, falando primeiramente sobre quando ela se manifesta como *need-love*, e depois como *gift-love*.

O *need-love* aparece, pois todas as pessoas desejam ser objeto de Afeição de alguém – e assim esperam que aconteça. Justamente por não ser um amor discriminatório, ele acaba sendo tomado como algo natural, “embutido” em qualquer família, sem que ninguém nunca tenha de fazer nada para merecê-lo. Entretanto, Lewis adverte que não temos um “direito de esperar” sermos objeto de Afeição, mas uma “expectativa razoável” de que iremos, se formos pessoas comuns. Porém, Lewis lembra que podemos ser insuportáveis. Neste caso, a “natureza” se voltará contra nós (p. 41), e onde poderia surgir uma Afeição, surge um ódio, antigo e profundo como a própria Afeição.

Há pessoas que pensam que em casa podem se comportar de qualquer jeito, “ficar à vontade”, não se esforçar para serem amáveis com ninguém, e mesmo assim esperar serem amadas. A Afeição de fato toma certas liberdades de poder, por exemplo, dizer certas coisas

em casa que não se diria em público. Nem por isso pode faltar cortesia. Para Lewis, a cortesia que se deve ter em casa é diferente da que se deve ter em ambientes públicos, bem menos formal, mas a regra de não dar a preferência a si mesmo deve ser mantida, e até mesmo mostrar sua maior expressão e essência aqui. A educação e a polidez que se tem em público como um ritual, deve acontecer de verdade em casa.

O próximo aspecto da Afeição descrito por Lewis é o ciúme. No caso específico da Afeição, o ciúme ocorre com a mudança. Um membro da família descobre alguma novidade como as artes, a poesia, ou até mesmo a Deus. Ele muda, começa a se empolgar com coisas que seus velhos não entendem. Na mesma hora o ciúme chega e deixa um fortíssimo sentimento de deserção e abandono, como se alguém tivesse roubado aquela pessoa do convívio de seus velhos semelhantes. “Ele que era um de Nós se tornou um Deles. Que direito tinha alguém de fazer isso? Ele é *nosso*.” (p. 46).

Estas perversões da Afeição descritas por Lewis até aqui foram perversões do *need-love*. Todavia a Afeição também tem suas perversões como *gift-love*. Essencialmente, o *gift-love* se corrompe quando se torna um *need-love*, ou seja, quando dar, se torna uma necessidade. A pessoa *precisa* ser necessária, e por isso, ou manterá a quem ama em constante necessidade, ou criará novas necessidades que só possam ser supridas por ela.

Para aqueles que pensam que estas perversões só acontecem com gente neurótica e que são, portanto, algum tipo de doença; Lewis afirma que estão enganados. Egoísmo, avareza, e sentimentos de auto-piedade não são sintomas patológicos – não se vai ao médico para curá-los – mas antes, pecados, que só uma direção espiritual pode combater. Uma Afeição saudável precisa estar sempre temperada com decência, bom senso, razão, justiça, bondade, auto-negação, paciência e humildade. É necessário que sempre haja a intervenção de um amor maior quando a Afeição falhar, pois ela por si só não produz frutos positivos automaticamente. Ela não é ainda o Amor perfeito, mas um amor humano – que como todos os seres humanos, falha e nunca é bom por si só.

Os amores naturais descritos até aqui não são amores auto-suficientes. Para Lewis, “algo mais” precisa vir em auxílio deles se eles quiserem permanecer em seu estado saudável e bom. Este auxílio, este algo mais, que Lewis tem descrito até aqui como decência e senso comum, mas que depois se revelou como bondade, é o Amor perfeito, a Caridade.

Até aqui, Lewis têm mostrado como os amores naturais não são perfeitos e sofrem perversões. O único modo de eles permanecerem amores dentro dos corações humanos é se forem temperados com algo perfeito e eterno, que sempre os levará pelos caminhos certos que os manterão longe das perversões, bons e saudáveis. Em seu último capítulo conclusório, Lewis finalmente se focará apenas neste Amor Perfeito.

Primeiramente Lewis comparou os nossos amores naturais com um belo jardim. Apesar de sua exuberante beleza, o jardim só pode de fato florescer, e suas plantas só podem crescer saudáveis por causa da chuva, do sol, e do calor. Estas últimas coisas representam o papel que a Caridade desempenha em relação aos outros amores.

O amor pode causar tristeza, pode “quebrar corações”, nem por isso se deve desistir dele, pois nosso objetivo não deve estar simplesmente em buscar nos alegrarmos a nós

mesmos. Não há investimentos seguros no amor, amar é se tornar vulnerável (p. 111). Aquele que se fecha para o amor com medo de ser magoado, logo se torna impenetrável.

Lewis em seguida fala sobre a preocupação de se amar uma pessoa mais do que a Deus. Ele acha que o problema não está em amar demais uma pessoa, mas em amar pouco a Deus. A verdadeira preocupação é saber a quem se deverá obediência acima de todas as coisas; a Deus ou ao amado? Para o autor, deve-se colocar Deus em primeiro lugar. Especialmente se se quiser ter um segundo, terceiro, quarto lugar, e etc. Será mais fácil amar mais a Deus do que ao amado, sem que este se sinta magoado, se ele também compartilhar deste amor maior por Deus do que pelas outras coisas. O “tudo por amor” não vale a pena, pois não está relacionado da forma correta com o Amor em si.

Partindo da premissa bíblica, se Deus é amor, e este amor é um *gift-love*. E Ele implantou em todas as suas criaturas tanto o *gift-love*, que inocula e espelha seu próprio amor, quanto o *need-love*. Mas o *gift-love* que recebemos é diferente do de Deus. A nossa busca apenas dar o que nós mesmos estamos dispostos e capazes de dar, de acordo com o nosso próprio juízo (falho) do que achamos bom para a pessoa, apenas para aqueles que acharmos amáveis e merecedores do nosso amor. O *gift-love* de Deus dá tudo o que for, de fato, o melhor para seus amados, e ama a todos sem distinção, até mesmo os que não se consideraria amáveis, como criminosos ou assassinos.

Deus permite inclusive que tenhamos por Ele um *gift-love*. Apesar de tudo ser d’Ele e Ele não precisar receber nada de nós, Ele nos dá as nossas vidas, para que possamos oferecer nossos corações a Ele em amor e devoção. E os cristãos também sabem, afirma Lewis, que outro modo de dar a Deus é dando aos nossos semelhantes, quando vestimos ou alimentamos um estranho necessitado, por exemplo. Na Bíblia, Jesus afirma que o que fizemos de bom para nossos semelhantes, a Ele o fazemos.

Deus também coloca em nós dois tipos de *need-love* sobrenaturais. Um por Ele, e um pelas outras pessoas. A primeira coisa que esse *need-love* por Deus faz em nós é nos mostrar que apesar de Deus nos amar, não é porque somos amáveis, mas simplesmente porque Ele é amor. Dessa forma podemos, através da Graça, receber com alegria tudo o que Ele tem para nos dar, sabendo que aquilo não é de fato “nosso”.

O *need-love* sobrenatural pelas pessoas age em nós, pois nos ajuda a aceitar que precisamos muitas vezes do amor e da caridade dos outros ainda quando não formos amáveis. Contudo, não é o tipo de amor que queremos receber. Queremos ser amados por nossos próprios méritos. Só poderemos ser amados e perdoados sem merecermos através da Caridade. A Caridade não substitui os outros amores; ela serve de modelo pelo qual eles devem se expressar. A Caridade, agindo nos seres humanos, é tanto um *need-love* grato e sem constrangimento ou vergonha, quanto um *gift-love* modesto e altruísta.

Os amores naturais do ser humano só podem se elevar ao nível da Caridade se se submeterem a Ela, ou seja, a Deus. E o único modo de fazerem isso é através da conversão, onde se reconhece a própria insuficiência, indefesa e necessitada da condição humana, e se aceita a Cristo, através da Graça e do infinito *gift-love* de Deus, para que se possa, através dele, atingir a perfeição e a plena alegria e paz que só Ele pode dar.

Lewis comenta a respeito da constante dúvida entre muitos cristãos, que é se nós nos reconheceremos e nos amaremos no Céu da mesma maneira que nos amamos aqui na Terra. Este autor acredita que se todo o amor que sentimos uns pelos outros neste mundo forem amores naturais, não há sentido em que ainda existam estes amores imperfeitos num lugar onde teremos o Amor perfeito. Mas, se tivemos algo do Amor divino uns pelos outros aqui, este amor só tem a se consolidar e se multiplicar no Céu. De qualquer forma será diferente.

Lewis termina seu livro dizendo que não é só através do *need-love* e do *gift-love* que podemos amar a Deus enquanto a Caridade age em nós através da Graça. Podemos posteriormente desenvolver por Ele também um amor apreciativo. Para Lewis, este é o dom mais desejado de todos.

Piper e Lewis: pontos de ruptura e de interseção para o entendimento de uma filosofia amorosa.

Longe de quaisquer pieguices a educação afetiva e a educação para o amor devem nortear o ensino. Não podemos acreditar que o amor, venha à existência e ao conhecimento naturalmente, sem nenhum esforço no sentido de buscá-lo, de sermos a ele apresentados. E assim não deveríamos contar como pais ou como educadores que ele simplesmente está dentro de cada ser humano, e que basta permiti-lo aflorar à superfície da nossa consciência. É possível que a falta da compreensão da dinâmica emocional é uma possível resposta aos dilemas que nosso tempo presente apresenta. Dessa forma, um entendimento mais adequado dos processos emocionais envolvidos na constituição da história ontogenética do ser humano é essencial a função da educação para a formação de sujeitos históricos, críticos e atuantes em seu tempo. Não se trata de uma leitura desvinculada da realidade: esta é o ponto de partida para inúmeras reflexões. E aqui tomamos como ponto de partida dois pensadores.

O grande tema que norteia os escritos de Pieper é o homem, a antropologia filosófica. E o acesso a este objeto de estudo é para o filósofo sempre dado através de caminhos indiretos. A filosofia de Pieper é muito embasada no fenômeno e na experiência humana, pois daí se infere um conhecimento que se baseia num contato direto com a realidade. É através da análise da experiência que o filósofo procura resgatar as grandes verdades a respeito do homem. Entretanto, grande parte do que uma experiência é e representa é rapidamente esquecido, pouco tempo depois de acontecer; todo o seu brilho e vivacidade duram apenas os poucos instantes em que ela se dá.

Este problema na filosofia pieperiana é também um de seus maiores fundamentos: o homem é um ser que esquece (como já dizia o poeta grego Píndaro¹³), por isso é que se fala em um “resgate” das grandes verdades. O que se descobre em filosofia não é novo, é, antes, algo que já sabíamos, mas que esquecemos (George Orwell parecia concordar com isso quando escreveu em seu *1984* que, “Os melhores livros são os que nos dizem o que já sabíamos”).

Dessa forma, como então é possível analisar uma experiência humana a fim de encontrar respostas às grandes questões filosóficas sobre o ser do homem se grande parte do que o homem experimenta tende a cair no esquecimento? É possível, porque o conteúdo destas experiências cai, sim, lentamente, no esquecimento das pessoas, mas não desaparece por

¹³ Cf. Lauand, Jean *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, Factash, 2007, p. 123 e ss.

completo do universo. O que acontece é que ele vai aos poucos se transformando nas grandes instituições humanas, nas próprias formas de agir do homem, e, sobretudo, na linguagem. Precisamente sobre duas dessas incidências de linguagem, nesse sentido, é que versa tematicamente este nosso trabalho.

Então, o filosofar de Pieper se baseia no estudo das instituições, do agir humano e, sobretudo, da linguagem, para chegar, através do mesmo caminho, até as grandes experiências humanas que contém verdades a respeito do ser humano e que aos poucos foram sendo esquecidas. Pensarmos acerca da linguagem piperiana, no contexto que atualmente vivemos isso é um imenso ganho para quem atua com pessoas e aprendizagem, pois possibilita a construção metacognitiva e cria espaços e tempos de trabalho, onde o fazer pedagógico amplia suas possibilidades.

Primeiramente deve-se dizer que a linguagem estudada por Pieper é a linguagem comum, falada no dia-a-dia, a língua viva, fluida e dinâmica do cotidiano. A língua simples. Para Pieper, o estudo da linguagem simples é o “selo de credibilidade”¹⁴ de um bom filósofo. Os termos mais técnicos, embora muitas vezes mais precisos, são artificiais no sentido de que não surgiram diretamente das experiências do dia-a-dia das pessoas. São termos criados especificamente para explicar algo que supostamente já se sabe, não são termos que surgem das experiências e fenômenos humanos de uma forma natural. Portanto, não se pode esperar que aí – na terminologia técnica – se vá encontrar resquícios de experiências humanas esquecidas e sutilmente nela transformadas. O lugar ideal de se procurar por elas é na linguagem simples: *sine plicas*, sem dobras, sem *complicações (com plicas)*, mas da maneira que surgiram naturalmente, ou seja, onde se encontram no estado mais puro e mais próximo possível da experiência primeira que as originou. Lauand, ainda destaca:

Com isto, tocamos aquele ponto essencial para a educação moral de hoje, o da mútua alimentação, da relação dialética entre a percepção (e vivenciamento) da realidade moral e a existência de linguagem viva: O empobrecimento do léxico moral é, hoje, um dos mais agudos problemas pedagógicos, na medida em que gera um círculo, literalmente, vicioso: a falta de linguagem viva embota a visão e o vivenciamento da realidade moral; o afinamento da realidade esvazia (ou deforma) as palavras... Faltam-nos as palavras, faltam-nos os conceitos, faltam-nos os juízos, falta-nos acesso à realidade (...). A necessidade da existência de uma linguagem viva para as virtudes e vícios supera, portanto, o mero âmbito lexical e instala-se no da própria possibilidade de visualizar a realidade de que se trata¹⁵ (Lauand, 2007, p. 54-55).

Precisamente sobre duas preciosas contribuições para a filosofia do amor: uma de Pieper; outra de Lewis; esta sobre um aspecto da linguagem que distingue; aquela, sobre a que confunde; é que versa este nosso pequeno exercício filosófico. A princípio, Lewis fala sobre como muitas vezes utilizamos o verbo amar no sentido de gostar, (por exemplo, nas falas: “amo arroz com feijão”, “amo andar a cavalo”, e etc.) e como ele e as outras crianças de sua geração foram reprovados por fazerem isso. Para Lewis: “de fato existe uma continuidade entre o nosso gostar das coisas elementar e os nossos amores pelas pessoas” (p. 15) e “já que

¹⁴ "Über die Schlichtheit in der Philosophie", publicado em *Erkenntnis und Freiheit*, pp. 97 a 102.

¹⁵ Lauand, Jean *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, Factash, 2007, p. 54-55

‘o maior não se sustenta sem o menor’ é melhor começarmos por baixo, com os simples gostos; e já que ‘gostar’ de alguma coisa significa ter um tipo de prazer nela, devemos começar com o prazer” (p. 15).

Dessa forma, Lewis segue subdividindo o prazer em duas categorias. Como dizíamos, o primeiro tipo de prazer que surge seria então o que Lewis chamou de *Need-pleasure*, o que estamos traduzindo como “prazer da necessidade”. Este tipo de prazer parte sempre de um desejo, de um anseio inicial, de uma necessidade, que supõe uma preparação. Por exemplo, quando um sujeito está com muita sede, beber um copo de água se torna um grande prazer. Entretanto, beber água, em si, não é algo que as pessoas geralmente fazem por prazer, só se torna um prazer quando a pessoa está com sede (“preparada”, por exemplo, pelo calor ou por um esforço físico), e quanto mais sedenta ela estiver, maior será o prazer em saciar a sede. É um prazer que parte sempre de uma necessidade.

Por conseguinte, há outros prazeres que não partem de uma “preparação”: acontecem e são um prazer em si mesmos. Como, por exemplo, apreciar o sabor de um vinho, ou o perfume de um campo florido. Nunca existe uma necessidade envolvida neste tipo de prazer, ele é como que um presente inesperado que vem ao nosso encontro para o nosso próprio deleite. A este tipo de prazer, Lewis chamou *Pleasures of Appreciation*, “prazeres de apreciação”. Justamente a este prazer de apreciação, ou apreciativo, é que o conceito de teoria se aproxima. Se no prazer da necessidade se bebe um copo de água apenas quando se está com sede (ou seja, na necessidade); aqui, no prazer apreciativo, como diz Guimarães Rosa ao falar justamente a respeito do amor, têm-se “sede depois de se ter bem bebido”.

Lewis coloca que a importância de se falar sobre os prazeres é que eles prenunciam certas características dos amores. Os *Need-pleasures*, por exemplo, terminam assim que a necessidade é saciada, o que pode indicar que se não houver o cuidado de se preservar o amor que surgir a partir de uma necessidade (*Need-love*), ele pode também terminar, da mesma forma, assim que o desejo que levou até ele for satisfeito.

No caso dos prazeres apreciativos, Lewis acha que a maneira como eles prenunciam certas características no amor não é tão facilmente percebido. Para isso, sente a necessidade de incluir um terceiro tipo de amor entre os dois já mencionados (*need-love* e *gift-love*). Seria o *Appreciative love*, ou o que podemos traduzir por amor apreciativo. As descrições de Lewis a respeito deste amor apreciativo vêm a corresponder ao conceito de *theoria* de Pieper.

Para Lewis, o amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada. O conhecedor de vinhos tem todo um treino e uma habilidade especial para apreciar da melhor maneira possível tudo o que uma espécie de vinho tem para oferecer. E ele aprecia este vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de ele desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor: ele não iria querer desperdiçá-lo: mesmo em seu leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Isso é uma espécie de amor. Um *amor apreciativo*. E é também “a contemplação pura da verdade e do belo ainda que disso não resulte nada de útil” (“O Filósofo e o Poeta”), ou seja, a teoria.

Mas o mais importante é como Lewis liga a distinção entre os prazeres – *need-pleasures* e *pleasures of appreciation* – a fatos de linguagem: a estes nos referimos ao objeto e no presente (no atemporal presente da *theoria*, poderíamos dizer) “Olha, que cheirinho bom é este”; a aqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”.

Então, pelo pensamento que confunde – imposto pela língua alemã – Pieper é levado ao que há de comum nos amores; que o amor fundamentalmente é pôr-se diante do amado e dizer: “Que bom que você exista!”. Ao observar que, na linguagem, nós nos referimos a certos prazeres no passado e sublinhando o sujeito; enquanto, em outros, falamos do objeto no presente, Lewis descobre a rica distinção entre “prazeres de necessidade” e “prazeres de apreciação”.

O desafio que aqui se configura, então, é pensar como em nossas escolas, em suas ações cotidianas, podem organizar ações educativas que atendam a demanda por aprendizagens significativas e por efetivas construções de conhecimentos, fundamentadas em uma linguagem do amor, por exemplo tomando como ponto de partida a filosofia pieperiana ou mesmo norteados pelos ensinamentos de Lewis. Em nosso momento histórico atual, reside nos projetos político-pedagógicos a busca por coerência entre as práticas de práticas e os novos paradigmas científicos que, no contexto das emergentes mudanças, devem estar presentes nas reformulações pedagógicas.

Conclusão

Os desafios anteriormente expostos podem ser enfrentados com novos estudos, novas inserções teóricas e práticas no campo educacional. A Psicopedagogia, no Brasil, tem contribuído de modo significativo, para a necessária revisão da prática escolar cotidiana, inserindo, nos espaços e tempos institucionais, novos paradigmas e novas dimensões para o ato educativo. E uma das preocupações que aos poucos está sendo evidenciada na educação das pessoas é a emocional. Infelizmente, este movimento ainda é incipiente e, apesar de sua evidente importância, o amor, enquanto um conceito, muitas vezes é utilizado indiscriminadamente pelas pessoas de uma forma errônea. De fato, ele possui uma extensa variedade de formas e explicações sob diversos prismas. Contudo, ao banalizar os sentimentos, como, por exemplo, o amor, estamos fazendo com que, paulatinamente, eles percam o seu verdadeiro sentido. Essa, indubitavelmente, é uma séria ameaça que paira sobre os seres humanos: banalizar o amor, reduzindo-o efêmeros prazeres que conduzem uma satisfação mais egoísta do que altruísta.

A evolução do que se concebe por amor certamente evoluiu e continua a evoluir, acompanhando o pensamento das pessoas na época na qual está inserido. A despeito de sua importância, observa-se paralelamente uma banalização da busca do amor para firmar os relacionamentos interpessoais afetivo-sexuais na atualidade. Numa sociedade capitalista, em que a busca pelo dinheiro e bens materiais é posta em primeiro plano, o individualismo é gritante e cada um preocupa consigo próprio. Diante disso, o racional e o pragmático são valorizados em detrimento do emocional. Há cada vez menos tempo para nos dedicarmos ao estabelecimento de relações amorosas e, principalmente, à manutenção adequada daquelas já existentes. Dessa forma, há quem goste de desvalorizar o amor. Há quem diga que o amor é uma emoção instável, um sentimento para tolos, um cárcere, ou ainda, algo relacionado a

deleites idílicos, a sentimentalismos gratuitos, a ilusões que geralmente nunca se consumam. Por outro lado, busca-se freneticamente o prazer fácil e fugaz, desprovido de laços afetivos.

Com isto, enriquece-se nossa compreensão do amor, a filosofia do amor, e tendo tornado explícitos e conscientes esses aspectos, passamos a dispor de um referencial pedagógico, em direção a uma educação para o amor. De acordo com Arendt (2007), “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”. (Arendt, 2007, p. 247).

Referências

- ALMEIDA, T., (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: Possíveis razões*. Trabalho de conclusão de curso. São Carlos, SP: Departamento de Psicologia.
- ALMEIDA, T., (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia (Fortaleza)*, v. 22, p.15-22.
- ALMEIDA, T. & MAYOR, A. S., (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*, v.5. Santo André: ESETEC Editores Associados, p. 99-105.
- ALMEIDA, T. & OLIVEIRA, H. C., (2007). *A importância e a banalização do amor no cotidiano*. ANAIS DA V JORNADA APOIAR, S. Paulo. Disponível em: <http://www.leilatarquivo.com.br/site/modules/mydownloads/singlefile.php?cid=1&lid=54>. Acesso em: junho 2008.
- ALMEIDA, T., & MADEIRA, D., (2008). *Técnicas de Paquera*. São Paulo: Letras do Brasil. No prelo.
- ALMEIDA, T., (2008). O percurso do amor romântico e do casamento através das eras. *Psicopedagogia Online*. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1041>. Acesso em: junho 2008.
- AMÉLIO, A., (2001). *O mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Editora Gente.
- ARENDRT, H., (2007). *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- BECK, E., & MILLER, G., (1969). *Que é o amor?* Porto Alegre: Paulinas. Tradução L. Luft.
- BRAZ, A. L. N., (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, 5, Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2006000100006&lng=pt&nrm=issn. Acesso em: Agosto de 2007.
- CHUANG TZU. *Chuang Tzu - Escritos Básicos*. (B. Watson, trad.). Cultrix.
- COSTA, J. F., (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- FROMM, E., (2000). *A arte de amar*. São Paulo, Martins Fontes.
- LAUAND, J., (2007). *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, Factash.
- LEWIS, C. S., (1978). *The four loves*. Great Britain: Fount Paperbacks.

- MARQUES, A. M, (2007). *Linguagem e metodologia nos estudos sobre o amor de C. S. Lewis e Josef Pieper - dois aspectos*. Trabalho Complementar de Curso, 2007. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- PIEPER, J., (1997). *On Love em Faith, Hope, Love*, Ignatius Press, San Francisco.
- SOLOMON, R. C., (1992). *O amor: reinventando o romance em nossos dias*. São Paulo: Saraiva. Tradução por Wladir Dupont.